

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## **A origem da propriedade privada no mito hesiódico de Prometeu e Pandora**

Luiz Otávio Mantovaneli  
Pesquisador do OUSIA/UFRJ

---

RESUMO: O presente trabalho joga seu foco no papel atribuído à mulher nos dois principais poemas atribuídos a Hesíodo e tentará evidenciar que a mulher emergiu daí como possivelmente a primeira propriedade privada e fundamento de todas as demais. Para fazê-lo, tomará como ponto de partida o mito de Prometeu e Pandora, mais precisamente a referência que é feita à propriedade privada em *Teogonia*, 603-612, e, entendendo que este mito só pode ser minimamente compreendido se considerados em conjunto os dois textos que a ele o poeta dedica tanto na *Teogonia* quanto em *Os trabalhos e os dias*, fará recurso a outras passagens do segundo poema, que dão sustentação à tese proposta.

PALAVRAS-CHAVE: Hesíodo, Poesia, Ética, Pandora, Prometeu.

RÉSUMÉ: Ce travail se consacre au rôle attribué à la femme dans les deux principaux poèmes attribués à Hésiode et tentera de mettre en évidence que la femme est probablement apparue comme la première propriété privée et fondement de toutes les autres. Pour ce faire, son point de départ sera le mythe de Prométhée et Pandore, plus précisément la référence qui est faite à la propriété privée dans la *Théogonie*, 603-612, et, en considérant que ce mythe ne peut être minimalement compris que si on examine ensemble les deux textes que le poète lui consacre, aussi bien dans la *Théogonie* que dans les *Travaux et les jours*, fera appel à d'autres passages du second poème permettant de soutenir la thèse proposée.

MOTS-CLÉ: Hésiode, Poésie, Éthique, Pandore, Prométhée.

---

O mito hesiódico de Prometeu e Pandora é um dos mais complexos mitos que nos chegaram. Sua complexidade já começa a partir de sua dupla apresentação, dividida entre os dois principais poemas de Hesíodo, *Teogonia*, doravante “*Teog.*” (535-636), e *Os trabalhos e os dias*, doravante “*Erga*” (45-105), o que faz com que este mito só possa ser minimamente compreendido se os dois textos forem tomados em conjunto. E uma vez que a narrativa não se dá em continuidade nem temporal nem temática, o estudioso do mito precisa estar sempre atento a ressonâncias à distância, pois versos

Mantovaneli, Luiz Otávio

*A origem da propriedade privada no mito hesiódico de Prometeu e Pandora*

localizados em outras passagens e aparentemente não relacionados ao mito podem estar em harmonia com ele, chegando até mesmo a haver casos de passagens que dialogam com versos constantes do mito no outro poema.

É importante então que eu apresente, ainda que em linhas gerais, minha visão do mito.

Seguindo e ampliando o esquema de divisões sucessivas proposto por Vernant<sup>1</sup>, entendo que daí resultou a distinção entre imortais e mortais, o que quer dizer que o homem passou a ter consciência da própria morte (*Teog.* 535); que a divisão das carnes do boi preparada por Prometeu contrasta a necessidade de alimento do homem mortal com a natureza etérea dos deuses imortais, que se nutrem do fumo sacrificial (*Teog.* 536-541); que subordina homens aos deuses pela via do sacrifício, já que são os homens quem sacrificam aos deuses e não o inverso (*Teog.* 556-557); que o fogo que Zeus escondeu dos homens no freixo (μελίησι πυρὸς, *Teog.* 563) é distinto do fogo que Prometeu retornou no oco do funcho (ἐν κοίλῳ νάρθηκι, *Teog.* 566), sendo que o primeiro é a marca da centelha criativa divina, enquanto o segundo é o fogo da técnica, do trabalho e do sacrifício; que a feitura da mulher a partir da mistura de terra e água é a expressão da tomada de consciência da divisão de gêneros, até então despercebida (*Teog.* 570-612); que o jarro que a mulher destampou é um duplo da mulher, já que ambos são feitos de barro, ambos são receptáculos de sementes e estão relacionados com o futuro, o jarro visando a sobrevivência do indivíduo e a mulher, a sobrevivência da raça (*Erga.* 94); e finalmente, que a divisão do conteúdo do jarro em males dispersos pelo mundo e Esperança confinada no jarro é o estágio final de um mito que é, na verdade, um relato sobre o processo de tomada de consciência da condição humana (*Erga.* 96-104)<sup>2</sup>.

Quase ao fim do trecho consagrado ao mito na *Teogonia*, após ter apresentado a mulher como grande desgraça aos mortais (πῆμα μέγα θνητοῖσι, 592), Hesíodo aborda os três modos possíveis do varão se relacionar com a mulher. São eles negar-se a casar, conseguir uma boa esposa e conseguir uma má (*Teog.* 603-612). Fica claro então que a relação varão-mulher é regida pelo casamento.

---

<sup>1</sup>Vernant (2004: 177-194)

<sup>2</sup>Para uma discussão mais detalhada sobre minha ampliação das divisões sucessivas propostas por Vernant, remeto o leitor a Mantovaneli(2013:147-162).

Mantovaneli, Luiz Otávio

*A origem da propriedade privada no mito hesiódico de Prometeu e Pandora*

É precisamente para a passagem na qual o varão rejeita o casamento que quero dirigir minha atenção:

ὄς κε γάμον φεύγων καὶ μέρμερα ἔργα γυναικῶν  
μὴ γῆμαι ἐθέλη, ὅλοδν δ' ἐπὶ γῆρας ἴκηται  
χῆται γηροκόμοιο· ὁ δ' οὐ βιότου γ' ἐπιδευῆς  
ζῶει, ἀποφθιμένου δὲ διὰ ζωῆν δατέονται  
χηρωσταί.

Quem fugindo a núpcias e a obrigações com mulheres  
não quer casar-se, atinge velhice funesta  
sem quem o segure; não de víveres carente  
vive, mas ao morrer dividem-lhe as posses  
parentes longes. (*Teog.*, vv. 604-607, Torrano)

Estão presentes aqui as posses (ζωήν) e a divisão (δατέονται) da herança. Logo, estamos falando de propriedade privada.

Cabe então a pergunta: Como se deu essa passagem do estado adâmico do início do mito para essa situação de propriedade e herança?

O estado adâmico a que me refiro está apenas implícito na *Teogonia*. Aqui só se sabe que deuses e homens se frequentavam, mas entraram em crise, de onde resultou a separação: deuses de um lado e homens **mortais** de outro (*Teog.* v 535).

Tal estado só começa a ganhar contornos mais nítidos na abertura do Prometeu de *Os trabalhos e os dias*, onde é dito que os deuses esconderam o sustento dos homens, pois senão trabalhariam apenas por um dia para assegurar o alimento de um ano, mas Zeus, encolerizado o escondeu por causa do engano de Prometeu.

Κρύψαντες γὰρ ἔχουσι θεοὶ βίον ἀνθρώποισιν.  
ῥηιδίως γάρ κεν καὶ ἐπ' ἡματι ἐργάσσαιο,  
ὥστε σε κεις ἐνιαυτὸν ἔχειν καὶ ἀεργὸν ἐόντα·  
αἰψά κε πηδάλιον μὲν ὑπὲρ καπνοῦ καταθεῖο,  
ἔργα βοῶν δ' ἀπόλοιτο καὶ ἡμιόνων ταλαεργῶν.  
ἀλλὰ Ζεὺς ἔκρυψε χολωσάμενος φρεσὶ ἦσιν,  
ὅττι μιν ἐξαπάτησε Προμηθεὺς ἀγκυλομήτης·

É que os deuses mantêm escondidos dos humanos o sustento.  
Pois senão trabalharias fácil e um só dia,  
E, mesmo ocioso, terias o bastante para um ano.  
Logo colocarias o timão sobre a lareira,  
os trabalhos dos bois e das mulas incansáveis desapareceriam.  
Mas Zeus escondeu-o encolerizado em seu coração,  
Porque o enganara Prometeu de curvo pensar. (*Erga*, 42-48, Moura)

Mantovaneli, Luiz Otávio

*A origem da propriedade privada no mito hesiódico de Prometeu e Pandora*

Este ponto de vista, de onde o “paraíso” já está perdido, aponta com mais nitidez para um estado anterior de abundância de sustento contra pouco trabalho.

Na verdade, tal estado só ganha sua melhor expressão em outro mito, o mito das raças, e mais precisamente na raça de ouro, onde os homens viviam como deuses e morriam como que tomados pelo sono. Eram isentos de qualquer esforço, pois a terra dava de forma espontânea os frutos que eles compartilhavam tranquilamente<sup>3</sup>.

ὄστε θεοὶ δ' ἔζων ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες  
νόσφιν ἄτερ τε πόνων καὶ οἰζύος, οὐδέ τι δειλὸν  
γῆρας ἐπῆν, αἰεὶ δὲ πόδας καὶ χεῖρας ὁμοῖοι  
τέρποντ' ἐν θαλίῃσι, κακῶν ἔκτοσθεν ἀπάντων·  
θνησκον δ' ὡσθ' ὕπνῳ δεδμημένοι· ἐσθλὰ δὲ πάντα  
τοῖσιν ἔην· καρπὸν δ' ἔφερε ζείδωρος ἄρουρα  
αὐτομάτη πολλόν τε καὶ ἄφθονον· οἱ δ' ἐθελήμοι  
ἦσυχαι ἔργ' ἐνέμοντο σὺν ἐσθλοῖσιν πολέεσσιν.

Viviam como deuses, tendo o ânimo isento de penas  
Sem dor, nem cansaço ou lamento nem fardo  
da idade cruel, mas sempre com braços e pernas  
leves dançando nas festas à parte de todos os males.  
Morriam como que enlaçados pelo sono. Todos os bens  
se dispunham para eles. A terra farta dava fruto  
espontânea, muito e sempre. E eles contentes  
tranquilos, partilhavam os bens que eram muitos. (*Erga*, 112-119,  
Mantovaneli)

Se insisti tanto no “estado adâmico”, chegando a falar em “paraíso”, o fiz para trazer à baila o mito hebreu. A despeito dos evidentes pontos em comum<sup>4</sup> – modo idílico de vida sem esforço; modelagem a partir do barro; surgimento posterior da mulher; mulher como portadora de males e causa da queda – interessam-me as diferenças.

No mito grego, foi a mulher e não o varão quem foi feito a partir do barro. E mais importante, enquanto Adão e Eva são apresentados como os primeiros humanos,

<sup>3</sup> Moura (Hesíodo (2012: 73, nota 15) chama atenção para a presença de ἔργ' no verso 119 e o traduz por “trabalho”, entendendo com isso o trabalho agrícola. Quanto a isso, tenho duas observações. Primeiro, estamos no âmbito dos deuses (viviam como deuses), onde *érgon* está isento de *pónos*, o que encontra fundamento nos versos 112-113, que mostram que este era inclusive o modo de vida dos homens da raça de ouro: “Viviam como deuses”. Segundo, uma vez que a terra dava frutos de forma “espontânea”, fica afastada a possibilidade de se pensar em trabalho agrícola, que é a marca da entrada no âmbito do humano, ou seja, da cultura. A atividade em questão só pode ser então a coleta.

<sup>4</sup> Uma vez que não sou estudioso do mito hebreu, aproprio-me deste mito cercado do máximo de cautela, limitando-me a trazer à baila os pontos mais evidentes para todos nós, oriundos da cultura judaico cristã, com o explícito intuito de aclarar um pouco mais o mito grego.

Mantovaneli, Luiz Otávio

*A origem da propriedade privada no mito hesiódico de Prometeu e Pandora*

quando Pandora surge, já existia uma raça de homens (ἄνθρωποι, 535) há não se sabe – e não importa – quanto tempo. Retornarei à questão da feitura da mulher mais adiante.

Esta segunda diferença exige que encaremos uma diferença ainda mais radical: o mito de Prometeu não pode ser visto como um mito genético tal como a antropogonia do mito hebraico, uma vez que no mito grego o homem já existia. Deste modo, o que temos aqui é um mito de condição humana, mais precisamente, um mito de tomada de consciência desta condição.

Como mito de tomada de consciência desta condição humana, a cisão entre deuses e homens mortais resultou na tomada de consciência da própria finitude. Se antes os homens viviam como os deuses e morriam como que possuídos pelo sono (mito das raças, *Erga* v. 116), e não custa lembrar que na *Teogonia* está posto que o Sono é irmão da Morte (Teog.211-212), o que pode muito bem implicar que um podia ser tomado pelo outro, agora os homens já sabem que vão morrer, já sabem que sono e morte são coisas distintas. Falar então de uma vida paradisíaca semelhante à dos deuses, sem fadiga, sem doenças, onde se morria como que tomado pelo Sono, onde se trabalharia no máximo por um dia para garantir o sustento de um ano inteiro – é exatamente assim que começa a narrativa do mito de Prometeu em *Os trabalhos e os dias* (42-44) – só pode significar falar de uma vida que ainda não é humana e talvez nunca tenha sido animal. Estamos assim falando de um processo de dar-se conta da constituição do humano, ou seja, de um processo de construção de autoconsciência.

Desta autoconsciência, que é também uma consciência de limites, resultou a necessidade do sacrifício aos deuses, por serem estes superiores e imortais, e a necessidade do trabalho para assegurar a sobrevivência, marcando o início das atividades humanas que envolvem a luta contra a morte.

Ainda que isso possa parecer banal, é importante assinalar que os homens não passaram a morrer depois que tomaram consciência da morte, apenas morriam sem o saber. Do mesmo modo, não nasciam espontaneamente da terra<sup>5</sup>. Nasciam de mulheres, que ainda não se sabiam e nem eram sabidas mulheres.

Examinemos mais de perto o problema do surgimento da mulher, recorrendo a uma passagem muito esclarecedora:

---

<sup>5</sup> O mito não oferece nenhuma explicação sobre a origem dos homens, apenas nos conta, em linguagem mítica, o surgimento da mulher.

Mantovaneli, Luiz Otávio

*A origem da propriedade privada no mito hesiódico de Prometeu e Pandora*

Πρὶν μὲν γὰρ ζώεσκον ἐπὶ χθονὶ φῦλ' ἀνθρώπων  
νόσφιν ἄτερ τε κακῶν καὶ ἄτερ χαλεποῦ πόνοιο  
νούσων τ' ἀργαλέων, αἶ τ' ἀνδράσι κῆρας ἔδωκαν.  
[αἶψα γὰρ ἐν κακότητι βροτοὶ καταγηράσκουσιν.]  
ἀλλὰ γυνὴ χεῖρεσσι πίθου μέγα πῶμ' ἀφελούσα  
ἔσκέδασ', ἀνθρώποισι δ' ἐμήσατο κήδεα λυγρά.

Pois antes sobre a terra as tribos dos homens viviam  
afastadas de males e longe do duro labor  
e aflitivas doenças, as que dão morte aos varões.  
Pois rápido, na miséria, envelhecem os mortais.  
Mas a mulher tirou à mão a grande tampa do cântaro  
E espalhou; para os homens, agruras funestas armou. (Erga, 90-95,  
Werner)

A feliz tradução de Werner para os versos 90 a 95 dos *Erga* tem, para o que aqui interessa, o mérito de fazer aparecer neste trecho a divisão das tribos dos homens, ou seja, a raça humana (φῦλ' ἀνθρώπων 90), em varões (ἀνδράσι, 92) e a mulher (γυνή, 94). A recorrência de “homens” no último verso da passagem (ἀνθρώποισι δ' ἐμήσατο κήδεα λυγρά, 95), ainda segundo a tradução do autor, mostra que é a raça humana como um todo quem é passível de sofrer as agruras funestas e não um ou outro gênero, e isto é reiterado cinco versos adiante, quando Hesíodo reforça que “dez mil pesares já estavam lançados para a raça humana<sup>6</sup>” (ἄλλα δέμυρία λυγρὰ κατ' ἀνθρώπους ἀλάληται, v.100).

Ao estabelecer a divisão da raça humana (φῦλ' ἀνθρώπων) em varões (ἀνδράσι) e mulheres (γυνή), Hesíodo dá mais uma mostra de seu famoso cuidado com a busca da palavra precisa.

Em outras palavras, os homens não se sabiam mortais, não conheciam a divisão de gêneros e não tinham consciência de que a vida comporta males, cansaço e doenças (κακῶν; χαλεποῦ πόνοιο; νούσων, v.91-92), coisas que já existiam desde sempre, mas que passavam despercebidas, conforme se pode depreender a partir do emprego do perfeito – resultado no presente de uma ação perpetrada no passado – com ἀλάληται, no verso 100, que traduzi como “já estavam lançados”, procurando exatamente produzir este efeito na mente do leitor.

Penso que se substituirmos “a grande tampa do jarro” por um “véu”, a coisa estará dita de um modo que todo estudioso de filosofia do século XXI entenderá. O que

---

<sup>6</sup> A partir da lição de Werner nos versos 90-95 de *Erga*, vi-me forçado a modificar minha tradução para κατ' ἀνθρώπους de “para os homens” para “para a raça humana”.

Mantovaneli, Luiz Otávio

*A origem da propriedade privada no mito hesiódico de Prometeu e Pandora*

Pandora fez foi o desvelamento de *alétheia*, revelando um mundo latente, um mundo que já estava lá desde sempre, mas que até então tinha escapado à percepção.

“Latente” é a palavra mais adequada para o caso, já que é um importante remanescente na nossa língua do velho verbo grego *lanthano*, de onde vem a própria *alétheia*, e que quer dizer, em seu significado mais antigo exatamente “escapar à percepção”. Somente mais tarde também significará “esquecer” e essa anterioridade no sentido tem sua razão de ser: não se pode esquecer o que sequer foi percebido<sup>7</sup>.

Além do mais, esta mudança de tempo verbal pode ajudar a sustentar minha leitura. Os verbos relativos ao ato de retirada da tampa do jarro – ou do véu – figuram no aoristo, tempo verbal que apenas assinala que a ação foi completamente realizada: a mulher retirou a grande tampa do jarro. Mas o conteúdo do jarro já estava lá. Por isso, o verbo que fala do resultado desta ação figura no perfeito, tempo que retrata o resultado presente de uma ação realizada no passado. A mulher, que já existia desde sempre, mostrou-se e mostrou o que já existia desde sempre.

Assim sendo, a chegada da mulher – é preciso lembrar que no primeiro poema a mulher é inominada e que o nome de Pandora só surge nos *Erga* – simboliza a tomada de consciência da divisão de gêneros, que até então estava latente.

Não é por acaso que a mulher é o primeiro ser humano a receber um nome no mito, ela é o primeiro indivíduo que surge no seio de uma tribo onde os seres eram até então indiferenciados. Não será exagero inferir que a descoberta do primeiro indivíduo, que é um outro, enseja um movimento de reflexão que propicia igualmente a descoberta do eu<sup>8</sup>. Ela é a marca do desvelamento da diferença, com todas as tensões que o diferente carrega. Não é de se estranhar que ela tenha sido percebida como um mal, um belo mal, conforme o verso 585 da *Teogonia*.

Por sua vez, a tomada de consciência da divisão de gêneros, representada aqui pelo surgimento de uma única mulher que se destaca dentre os membros anônimos e indiferenciados da raça humana acarreta numa nova tomada de consciência que o mito não explicita, o que me força a argumentar contra o silêncio e a buscar nos versos de Hesíodo elementos que sustentem a hipótese sobre a qual me baseio. Falo da tomada de consciência da participação do varão na reprodução e essa tomada de consciência nos reconduz ao varão que recusou o casamento do início da nossa conversa.

---

<sup>7</sup>Levet (1976: 90 e 104)

<sup>8</sup>Kanaan(2008:17)

Mantovaneli, Luiz Otávio

*A origem da propriedade privada no mito hesiódico de Prometeu e Pandora*

Este varão não tem herdeiros e sua propriedade será repartida entre os parentes distantes.

Isso quer dizer que o varão que tem herdeiros pela via do casamento tem, por sua vez, plena consciência de sua participação na procriação.

Suponho que a partir desta consciência surgiu a necessidade deste varão de assegurar o sustento dos seus herdeiros para que mais tarde seu filho, varão naturalmente, possa cuidar dele na velhice, possa aumentar a riqueza acumulada e possa, também esse filho, engendrar outro varão, assegurando a perpetuação, agora de uma família particular e não mais da tribo dos homens, bem como da propriedade, que passa a ser a garantia da sobrevivência de seus membros.

μονογενῆς δὲ πάϊς εἶη πατρώϊον οἶκον  
φερβέμεν· ὥς γὰρ πλοῦτος ἀέξεται ἐν μεγάροισιν·  
γηραιὸς δὲ θάνοι ἕτερον παῖδ' ἐγκαταλείπων.

Que haja um filho unigênito para os bens paternos  
cuidar, pois assim aumenta as riquezas das casas,  
e possa este morrer já velho, deixando outro filho. (Erga, 376-378,  
Mantovaneli)

Mas antes de prosseguir, é preciso fazer um breve retorno ao mito hebreu, o que vai ajudar a aclarar as coisas: mais tarde também surgirá lá o tema da propriedade, mas no momento da queda Adão e Eva são os únicos humanos e pais de toda a humanidade. Toda a terra estava à disposição deles e a ideia de propriedade não podia sequer fazer sentido neste momento.

Já no mito grego, isso se dá em meio a uma multidão preexistente. A tomada de consciência da participação do varão na procriação pode ser entendida como uma consequência da própria tomada de consciência de si a partir da constatação da existência do outro como diferença, a mulher, vista como um objeto passível de ser apropriado. A descoberta do outro demanda a procura pelo mesmo, assim como a descoberta da diferença demanda a procura daquilo em relação a que a diferença difere. Surge o eu.

O recurso a outras passagens dos Erga ajuda a firmar meu ponto. Em pleno inverno, a filha é preservada dentro de casa, guardada pela mãe, ainda virgem, ainda sem conhecer as obras da dourada Afrodite.

οὐ διάησι  
ἴς ἀνέμου Βορέω· τροχαλὸν δὲ γέροντα τίθησιν

Mantovaneli, Luiz Otávio

*A origem da propriedade privada no mito hesiódico de Prometeu e Pandora*

καὶ διὰ παρθενικῆς ἀπαλόχροος οὐ διάησιν,  
ἢ τε δόμων ἔντοσθε φίλη παρὰ μητέρι μίμνει,  
οὐπω ἔργα ἰδυῖα πολυχρύσου Ἀφροδίτης,

não as atinge  
a força do vento norte faz curvar o ancião  
mas não fere a pele fina da virgem  
que fica em casa, junto à mãe querida,  
sem ainda saber das obras da dourada Afrodite. (*Erga*, 518-521,  
Mantovaneli)

Ainda que nessa passagem a reclusão da filha seja devida ao inverno, não é difícil entender que o corpo da filha está sendo preparado – e preservado virgem – para ser apropriado pelo futuro marido. Afinal de contas, para que ele tenha um herdeiro a quem transmitir sua propriedade, é preciso que antes de tudo ele esteja seguro de que o filho seja realmente dele.

Seguindo no tema da preparação para o casamento, o poeta prescreve condições para as bodas, bem como ensina a escolher a noiva:

Ὁραῖος δὲ γυναῖκα τεὸν ποτὶ οἶκον ἄγεσθαι,  
μήτε τριηκόντων ἐτέων μάλα πόλλ' ἀπολείπων  
μήτ' ἐπιθεις μάλα πολλά· γάμος δέ τοι ὄριος οὗτος·  
ἢ δὲ γυνὴ τέτορ' ἠβώοι, πέμπτω δὲ γαμοῖτο.  
παρθενικὴν δὲ γαμεῖν, ὥς κ' ἤθεα κεδνὰ διδάξης,  
[τὴν δὲ μάλιστα γαμεῖν, ἥτις σέθεν ἐγγύθι ναίει]  
πάντα μάλ' ἀμφὶς ἰδών, μὴ γείτοσι χάσματα γήμης.  
οὐ μὲν γάρ τι γυναικὸς ἀνὴρ λήζειςτ' ἄμεινον  
τῆς ἀγαθῆς, τῆς δ' αὖτε κακῆς οὐ ρίγιον ἄλλο,  
δειπνολόχης, ἢ τ' ἀνδρα καὶ ἴφθιμόν περ ἐόντα  
εὖει ἄτερ δαλοῖο καὶ ὠμῶ γήραϊ δῶκεν.

Na hora adequada leva tua mulher para casa,  
Quando não estejas longe dos trinta, nem em muito  
o ultrapasasses. Este é o tempo do casamento.  
Já a mulher, quatro anos púbere permaneça e no quinto se case.  
Desposa uma donzela, para que dês bons costumes a ela.  
Desposa, de preferência, aquela que mora perto de ti.  
Estejas atento para que não cases com a alegria dos vizinhos.  
Um varão não consegue nada melhor do que mulher  
dedicada, nem há pior desgraça do que a má,  
parasita, que o marido, por mais forte que seja,  
consome sem fogo e à velhice precoce o condena. (*Erga* 695-705,  
Mantovaneli)

Mantovaneli, Luiz Otávio

*A origem da propriedade privada no mito hesiódico de Prometeu e Pandora*

Fica explícito aqui que o destino da mulher é o casamento e que ela será apropriada pelo marido que, por meio do ensino dos bons costumes, submetê-la-á a uma nova modelagem, não mais do barro, mas do caráter, em obediência ao padrão do mito.

De fato, nas duas descrições da feitura da mulher (*Teog.* 570-585 e *Erga*, 60-76), não há nenhuma referência ao seu corpo que não aquela feita a sua pele fina, no verso 520. Por outro lado, ela nos é apresentada com uma função, ela é a noiva. O mito fala do seu vestido, do véu, das flores que lhe adornam a cabeça, bem como do poder que ela tem de exercer um efeito em quem com ela se depara, expresso pela palavra χάρις (*Teog.* 583 e *Erga* 65), que foi traduzida por todos, inclusive por mim, por “graça”, mas que pode muito bem e, para o que nos interessa aqui, ainda melhor, ser entendida como “carisma”, que é aquele poder que poucos têm de fazer com que os demais se lhes submetam de bom grado<sup>9</sup>.

“Carisma” é uma palavra ainda mais interessante porque apesar de usualmente expressar este poder de suscitar tal efeito no outro, etimologicamente evoca antes o resultado desta ação, por causa da presença do sufixo grego “μα”. A *Teogonia* nos mostra de maneira enfática o impacto que a contemplação da mulher, depois de terminada sua feitura, causou em deuses e homens (v. 588). A palavra θαῦμα ocorre, neste contexto, três vezes num curtíssimo intervalo (vv., 581, 584 e 588). Quase sempre ela é traduzida por “espanto”, mas por ocasião da descrição da coroa dourada (v.581) que continha em si a representação de bichos terríveis da terra e do mar, fabricada por Hefesto e posta na cabeça da noiva por Palas Atenas, mais uma vez Werner foi bastante feliz ao dizer que esta coroa, que passa a ser um atributo de quem a veste, é um “assombro (θαῦμα) à visão”, na medida em que assombro implica numa certa dose de medo.

Além do encanto, a mulher tem algo de terrível, algo de selvagem, algo de assustador que precisa ser domesticado, ou seja, submetido aos bons costumes.

Também fica duplamente reforçado que ela só deve ter contato sexual com o marido, tanto por meio de uma afirmativa, ela deve ser donzela, quanto por uma negativa, a interdição de casar com a alegria dos vizinhos. Dito de outro modo, é preciso tomar posse do corpo da mulher.

O tema da posse do corpo da mulher está bem demarcado no mito, mas de forma alegórica. Voltemos nosso olhar para a Jarra de Pandora.

---

<sup>9</sup> Quando Zeus ordenou a feitura de Pandora, tinha em mente dar aos homens exatamente “um mal com o qual todos se alegrarão” (*Erga* 57-58). Cito aqui a minha tradução.

Mantovaneli, Luiz Otávio

*A origem da propriedade privada no mito hesiódico de Prometeu e Pandora*

Pandora e a Jarra têm tantas coisas em comum que alguns autores tendem a ver na Jarra um duplo de Pandora<sup>10</sup>. Apresento então um breve resumo desta linha interpretativa.

Ambas têm uma relação com o futuro, a mulher, para a perpetuação da raça e a jarra para o armazenamento de provisões. Segundo a maioria, ambas foram feitas de barro (há quem levante a possibilidade da jarra ser de bronze, o que muda tudo) e ficam guardadas em casa. Ambas são depósitos, a jarra, de grãos e sementes, a mulher, só de sementes (σπέρματα). Além do mais, desde a medicina hipocrática, o útero da mulher era comparado a uma jarra invertida, onde o fundo, voltado para cima, era equiparado ao fundo do útero, a boca à vulva,<sup>11</sup> as alças aos ovários e o gargalo ao colo (*cérvix*, em latim).

Recapitulando a apresentação da mulher no mito, o fato de ela ter sido feita por Hefesto, o deus artesão, ao passo que a origem do varão permanece obscura no mito, faz com que a mulher surja em cena como uma alienígena causadora de um espanto que intimida e, por isso, ela já surge como algo que deve ser submetido a algum controle. Além de ter sido feita, ela também pode ser associada ao jarro, um utensílio e, mais do que isso, um receptáculo, o que, por sua vez, faz com que ela possa ser mais facilmente percebida como uma coisa, como algo a ser apropriado.

Talvez a primeira propriedade privada e fundamento de todas.

### Referências Bibliográficas

Hesíodo, *Teogonia: A Origem dos Deuses*. Tradução de J.A.A. Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Teogonia*. Tradução de Christian Werner. São Paulo: Hexis, 2013.

\_\_\_\_\_. *Os Trabalhos e os Dias*. Tradução, introdução, estudo e notas de Luiz Otávio de Figueiredo Mantovaneli. São Paulo: Odisseus, 2011.

\_\_\_\_\_. *Os Trabalhos e os Dias*. Edição, tradução, introdução e notas de Alessandro Rolim de Moura. Curitiba: Segesta, 2012.

\_\_\_\_\_. *Os Trabalhos e os Dias*. Tradução de Christian Werner. São Paulo: Hexis, 2013.

Hoffman, G. *Pandora, la jarre et l'espoir* in *Études rurales*, n. 97-98, 1985.

<sup>10</sup> Cf. Por exemplo, Hoffman(1985:119-132) e Zeitlin(1986: 349-380).

<sup>11</sup>Hesíodo usa a palavra “lábios” (v.96), mas ainda não encontrei nenhum paralelo entre a vulva e os lábios na literatura grega preservada.

Mantovaneli, Luiz Otávio

*A origem da propriedade privada no mito hesiódico de Prometeu e Pandora*

Kenaar, V.L. *Pandora's senses. The feminine character of the ancient text.* The University of Wisconsin Press: Madison, 2008.

Levet, J.P. *Le vrai et le faux dans la pensée grecque archaïque, étude de vocabulaire. Tome I – Présentation générale: levrai et le faux dans les épopées homériques.* Paris: Les Belles Lettres. 1976.

Mantovaneli, L.O. *Alethéia e etétyma: Hesíodo e a conquista do discurso humano.* Tese de doutorado. Disponível em :  
[https://www.academia.edu/7030060/Hesiodo\\_e\\_a\\_conquista\\_do\\_discurso\\_humano](https://www.academia.edu/7030060/Hesiodo_e_a_conquista_do_discurso_humano)

Vernant, J.P. *Le mythe prométhéen chez Hésiode in Mythe et société em Grèce ancienne.* Paris: Éditions La Découverte, 2004.

Zeitlin, F. *L'origine de la femme et la femme origine : la Pandore d'Hésiode* in Blaise, F; Judet de la Combe, P.; Roussaeu, P. *Le Métier du mythe : Lectures d'Hésiode.* Lille: Presses Universitaires du Septentrion. 1996: p. 349-380.

[Recebido em maio de 2018, aceito em maio de 2018]